

Dimensões conceituais da divulgação científica em práticas educativas de ciência itinerante

Conceptual dimensions of science communication in educational practices of itinerant science

Dimensiones conceptuales de la divulgación científica en prácticas educativas de ciencia itinerante

Aline Coêlho dos Santos  

Universidade Regional de Blumenau, Blumenau/SC – Brasil

Daniela Tomio  

Universidade Regional de Blumenau, Blumenau/SC – Brasil

Resumo

A ciência itinerante pode ser compreendida como uma prática educativa de divulgação científica de compartilhar conhecimentos científicos para diferentes territórios e públicos, por meio de ações móveis e temporárias, criando oportunidades de aproximação entre ciência e sociedade. Desse contexto, objetivou-se caracterizar práticas educativas de ciência itinerante, a partir da revisão sistemática de experiências socializadas em pesquisas brasileiras, depreendendo dimensões conceituais sobre suas especificidades na divulgação científica. Foram mapeadas 25 pesquisas brasileiras, publicadas nos últimos 20 anos e indexadas na base OasisBR, analisadas com base no método da análise textual discursiva. Com a revisão pode-se depreender três eixos estruturantes das ações investigadas: universalização, inclusão e formação de mediadores. Estes se desdobram em dimensões conceituais de caráter territorial, mediador-dialógico e crítico-inclusivo. Embora apresente potencial social, a ciência itinerante ainda carece de sistematizações teóricas que abarquem suas especificidades, políticas públicas permanentes e mecanismos de avaliação de impacto, o que reforça a necessidade de estudos voltados à sua consolidação como campo da divulgação científica.

Palavras-chave: ciência itinerante; divulgação científica; práticas educativas.

Abstract

Itinerant science can be understood as an educational practice of scientific dissemination that shares scientific knowledge with different territories and audiences through mobile and temporary actions, creating opportunities for closer ties between science and society. Within this context, the objective was to characterize itinerant science educational practices through a systematic review of experiences shared in Brazilian research, deducing conceptual dimensions regarding their specificities in scientific dissemination. Twenty-five Brazilian research studies, published in the last 20 years and indexed in the OasisBR database, were mapped and analyzed using the discursive textual analysis method. The review revealed three structuring axes of the investigated actions: universalization, inclusion, and the training of mediators. These are further developed into conceptual dimensions of a territorial, mediator-dialogical, and critical-inclusive nature. Although it presents social potential, itinerant science still lacks theoretical systematizations that encompass its specificities, permanent public policies, and impact assessment mechanisms, which reinforces the need for studies aimed at its consolidation as a field of scientific dissemination.

Keywords: itinerant science; science communication; educational practices.

Resumen

La ciencia itinerante puede entenderse como una práctica educativa de divulgación científica que comparte conocimiento científico con diferentes territorios y públicos a través de acciones móviles y temporales, creando oportunidades para estrechar los vínculos entre la ciencia y la sociedad. En este contexto, el objetivo fue caracterizar las prácticas educativas de la ciencia itinerante mediante una revisión sistemática de experiencias compartidas en la investigación brasileña, deduciendo dimensiones conceptuales respecto a sus especificidades en la divulgación científica. Se analizaron veinticinco estudios de investigación brasileños, publicados en los últimos 20 años e indexados en la base de datos OasisBR, utilizando el método de análisis textual discursivo. La revisión reveló tres ejes estructurantes de las acciones investigadas: universalización, inclusión y formación de mediadores. Estos se desarrollan a su vez en dimensiones conceptuales de carácter territorial, mediador-dialógico y crítico-inclusivo. Si bien presenta potencial social, la ciencia itinerante aún carece de sistematizaciones teóricas que abarquen sus especificidades, políticas públicas permanentes y mecanismos de evaluación de impacto, lo que refuerza la necesidad de estudios orientados a su consolidación como campo de divulgación científica.

Palabras clave: ciencia itinerante; divulgación científica; prácticas educativas.

Introdução

A ciência itinerante tem se afirmado no Brasil como uma ação de divulgação científica que ultrapassa as barreiras de espaços fixos para aprender, alcançando comunidades historicamente afastadas dos contextos institucionais de produção e difusão do conhecimento, por meio de ações móveis, descentralizadas e temporárias. Ao se deslocar para territórios diversos, como escolas públicas, centros comunitários, zonas rurais e periferias urbanas, essas iniciativas promovem encontros marcados pelo diálogo, pela curiosidade científica e pela valorização de saberes plurais para o desenvolvimento da cultura científica.

Apesar de sua relevância social e educativa, ainda são incipientes os estudos que se dedicam à caracterização conceitual e metodológica da ciência itinerante. A literatura existente apresenta descrições de experiências locais e análises pontuais, mas carece de sistematizações que permitam afirmá-la como objeto específico dentro do campo de investigação da divulgação científica. Essa fragilidade teórica torna necessária investigações que discutam suas especificidades, suas práticas e suas potencialidades, de modo a enriquecer os debates contemporâneos sobre divulgação científica.

Nesse percurso, compreendemos a divulgação científica como práxis educativa (Lima; Giordan, 2021), pois constitui um processo educativo intencional de comunicação de saberes científicos, em diferentes linguagens e contextos, visando o desenvolvimento da cultura científica. Trata-se de uma ação formativa que aproxima ciência e sociedade, amplia horizontes de compreensão do mundo e possibilita a construção de sentidos compartilhados. Nesse movimento, a divulgação científica assume caráter formativo, ao favorecer oportunidades para aprendizagens científicas que se articulam com experiências sociais, culturais e ambientais, contribuindo para transformação socioambiental.

A divulgação científica, nessa perspectiva, vai além da simples transmissão de informações, em modelos unidirecionais, assumindo também o papel de criar condições para a formação crítica do cidadão frente à ciência. Não se trata apenas de garantir acesso ao conhecimento, mas de estimular reflexões sobre o papel social da ciência, suas funções, prioridades, decisões e destinos. Assim, na divulgação científica, o foco desloca-se da mera aquisição de dados para, em modelos dialógicos, a constituição de uma cultura científica que possibilite ao indivíduo posicionar-se criticamente diante dos processos de produção e circulação do conhecimento (Vogt; Cerqueira; Kanashiro, 2008).

Partimos do pressuposto de que a ciência itinerante necessita ser compreendida não apenas como deslocamento físico de exposições e atividades, mas como práxis que articula inclusão social, formação crítica e democratização do acesso ao conhecimento. Diante disso, desenvolvemos uma pesquisa com o objetivo geral de caracterizar práticas educativas de ciência itinerante, a partir da revisão sistemática de experiências socializadas em pesquisas brasileiras, depreendendo dimensões conceituais sobre suas especificidades na divulgação científica.

Por meio desse mapeamento, buscamos responder à seguinte questão: *"Quais práticas educativas de ciência itinerante têm sido socializadas em pesquisas brasileiras e que dimensões conceituais podem ser depreendidas sobre suas especificidades na divulgação científica?"*

Procedimentos Metodológicos

Este estudo caracteriza-se como uma revisão sistemática da literatura, que consiste em “resumir a melhor pesquisa disponível acerca de uma questão específica. Isto é feito através da síntese dos resultados de diversos estudos”. (Ramos; Faria; Faria, 2014, p. 21)

Justificamos a opção por essa abordagem metodológica pela necessidade de organizar e sistematizar o conhecimento produzido sobre ciência itinerante, campo em que as produções ainda se apresentam dispersas e pouco estruturadas. Além disso, a revisão sistemática contribui para a construção de um quadro conceitual, ao favorecer uma visão abrangente e uma ordenação periódica do estado da arte das produções científicas (Soares; Maciel, 2000).

Para revisão sistemática um protocolo de revisão considerando as recomendações de Ramos, Faria e Faria (2014):

Quadro 1. Protocolo de revisão sistemática sobre ciência itinerante

Etapas	Descrição
Perguntas de Revisão	Como a ciência itinerante tem sido concebida e desenvolvida nos estudos acadêmicos? Quais são as práticas mais comuns utilizados? Qual é o público-alvo predominante dessas iniciativas?
Euações de Busca	("ciência itinerante" OR "ciência itinerância") AND (prática OR modelo OR metodologia)
Fonte de Dados	A busca foi realizada na base OasisBR (https://oasisbr.ibict.br/vufind/), por ser um repositório nacional de acesso aberto que agrega publicações acadêmicas (artigos, dissertações e teses) de diversas instituições brasileiras.
Crítérios de Inclusão	a) Estudos que descrevem práticas de ciência itinerante; b) Publicações acadêmicas (artigos, monografias, dissertações e teses); c) Publicações brasileiras; d) Publicados na cronologia definida para busca.
Cronologia da busca	A busca foi realizada no primeiro semestre do ano de 2025, com publicações realizadas nos últimos 20 anos (2003-2025). Nesse recorte cronológico buscamos constituir uma amostra analítica representativa da produção acadêmica recente sobre ciência itinerante, considerando que no Brasil, só no ano de 2003, institui-se uma secretaria na estrutura regimental do Ministério da Ciência e Tecnologia, conferindo centralidade político-institucional às políticas de inclusão social por meio da ciência, tecnologia e inovação (Brasil, Decreto nº 4.724/2003), no ano seguinte já revogado.
Crítérios de Exclusão	a) Estudos que apenas mencionam ciência itinerante sem descrever práticas; b) Documentos institucionais; c) Estudos duplicados; d) Resumos de eventos, editoriais ou questionários.
Crítérios de Validade Metodológica	A busca foi conduzida de forma sistemática e rigorosa por meio da leitura de títulos, resumos e textos completos, com registro detalhado das exclusões e inclusões realizadas por uma única pesquisadora.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Após a aplicação do protocolo de revisão, inventariamos 38 trabalhos sobre ciência itinerante. Foram excluídos: quatro resumos de conferências, dois estudos sem acesso ao texto completo, quatro trabalhos duplicados, dois editoriais e um trabalho da área de Arquitetura, por não se situarem no escopo educacional da pesquisa. Assim resultaram 25 estudos que compuseram o *corpus* final para análise textual discursiva (Moraes; Galiazzi, 2011).

O corpus de análise foi constituído por sete artigos, um capítulo de livro, nove dissertações de mestrado, cinco monografias de graduação ou especialização e três teses de doutorado, o que permitiu abarcar diferentes níveis e formatos de produção acadêmica. Para fins de sistematização, cada trabalho foi codificado de acordo com o tipo de publicação, utilizando-se as seguintes siglas: A para artigos, D para dissertações, T para teses, M para monografias e C para capítulos de livro. No Quadro 2 apresentamos os estudos analisados.

Quadro 2. Identificação dos estudos analisados na RSL sobre Ciência Itinerante

Título	Autores	Ano	Universidade	Cód
<i>Praça da Ciência Itinerante: avaliando 12 anos de experiência</i>	Oneida Enne	2010	Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz	D2
<i>Ciência Móvel: a mediação informacional nas exposições de um museu itinerante</i>	Beatriz Schwenck	2011	Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz	D7
<i>Atitudes para a ciência e percepção dos alunos integrantes do Programa Ciência Itinerante do IF Baiano Campus Catu-BA</i>	Moisés da Cruz Silva	2015	IF Baiano - Instituto Federal Baiano	D4
<i>A percepção e aprendizagem em exposições de ciências: um olhar para visitantes do Programa Ciência Itinerante</i>	Joaquim José Soares Souza Júnior	2015	UFBA - Universidade Federal da Bahia (Museu NOAP/UFBA)	D9
<i>O processo de produção do discurso expositivo e seleção de conteúdos em uma exposição de um museu de ciências itinerante</i>	Isaclusia Gomes de Azevedo Quintanilha	2016	Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz (Ciência Móvel/Museu da Vida)	M1
<i>"Ir onde o público está": contextos e experiências de museus itinerantes</i>	Ozias de Jesus Soares	2016	Unilasalle - Revista Científica da Unilasalle	A4
<i>Educação museal: investigando a mediação em um museu de ciências itinerante</i>	Josefa Rosimere Lira da Silva	2018	UFBA - Universidade Federal da Bahia (Museu NOAP/UFBA)	D3
<i>Desenvolvimento profissional docente na educação não formal: formando(-se) educador no Programa SESI Ciências Itinerante</i>	Rocheli Rita Ronchi	2018	FURB - Universidade Regional de Blumenau	D5
<i>Projeto de pesquisa cartográfica, Geringonça na Escola (das ilhas ao campo), na Ciência Itinerante, crianciera e inclusiva</i>	Daniele Noal Gai et al.	2018	UFMS - Universidade Federal de Santa Maria	C1
<i>Museus e centros de ciências itinerantes: análise das exposições na perspectiva da alfabetização científica</i>	Jessica Norberto Rocha	2018	Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz (Ciência Móvel/Museu da Vida)	T2
<i>A mediação de conteúdos audiovisuais em um museu de ciências itinerante</i>	William Alves Pereira	2019	UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro	D1
<i>Formação de mediadores para atuação em museus itinerantes de ciências: uma investigação centrada na adequação das formações à diversidade de público visitante</i>	Aurora Lopes Simões	2019	Universidade do Minho - Portugal	D8
<i>O papel e os desafios dos mediadores em quatro experiências de museus e centros de ciências itinerantes brasileiros</i>	Jessica Norberto Rocha, Martha Marandino	2020	USP - Universidade de São Paulo	A3
<i>A percepção pública como instrumento de educação ambiental: um estudo sobre microplásticos</i>	Maria Lídia Oliveira Valim Coutinho Pereira	2020	UFES - Universidade Federal do Espírito Santo	M5

<i>Ciências sob tendas transformando a extensão em pesquisa: análise sobre a exposição, o mediador e o público</i>	Gustavo Henrique Varela S. Alves	2020	Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz	T3
<i>Divulgar ciência é uma arte! O que dizem os artistas que atuam em um museu de ciências itinerante?</i>	Ana Carolina de Souza Gonzalez, Diego Vaz Bevilaqua, Marcus Soares	2021	Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz (Ciência Móvel/Museu da Vida)	A1
<i>Mostra de ciências itinerante: extensão universitária para inclusão científica e cultural no Espírito Santo</i>	Viviana Borges Corte et al.	2021	UFES - Universidade Federal do Espírito Santo	A2
<i>A Divulgação Científica como ponte para a interdisciplinaridade inerente aos artrópodes</i>	Thais Varandas de Azeredo Souza	2021	Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz (Ciências Sob Tendas)	D6
<i>Travelling science centers and museums: paths to citizenship and engagement under the eye of professionals</i>	Débora Teixeira dos Santos e Menezes; Diego Vaz Bevilacqua; Douglas Falcão Silva	2021	Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz	A5
<i>Caminhão da Ciência: caracterização, percursos e contribuições para a Educação Científica no Oeste Baiano</i>	Lucas Guimarães Barros et al.	2021	UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	A6
<i>A percepção de mediadores acerca do atendimento a pessoas com TEA numa exposição científica itinerante</i>	Emanuel do Nascimento Santos	2021	UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro	M3
<i>O audiovisual e a Divulgação Científica: análises do reendereço em um espaço de educação não-formal</i>	William Alves Pereira e Luiz Augusto Coimbra de Rezende Filho	2021	FASF - Faculdade Sul Fluminense (Revista Valore)	A7
<i>Análise do perfil dos "mediadores por um dia" do Ciências Sob Tendas</i>	Amanda Alves Nascimento	2022	Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz	M4
<i>A percepção da química no acervo do Centro de Ciências Itinerante Ciências Sob Tendas como estratégia para a educação de surdos</i>	Iara Hooper Carvalho	2023	UFRJ (INES)	M2
<i>Ciências Sob Tendas acessível para surdos</i>	Alessandra Teles Sirvinskas Ferreira	2023	UFRJ (INES)	T1

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

É importante mencionar que os estudos revisados não representam a totalidade da produção acadêmica sobre ciência itinerante no Brasil, uma vez que a revisão se restringiu a uma base de dados específica, conforme explicitado no protocolo metodológico. Essa limitação, entretanto, não compromete a consistência da análise, pois o corpus contemplou uma diversidade significativa de formatos de produção, instituições de origem, áreas temáticas e contextos de pesquisa, permitindo a construção de um panorama analítico sobre as concepções e práticas de ciência itinerante mobilizadas na produção acadêmica brasileira.

Os trabalhos foram lidos com base em um roteiro de leitura, contendo temas para geração de dados, considerando o objetivo da pesquisa, e que permitiram a etapa de unitarização. Segundo Moraes e Galiuzzi (2011, p. 49), “unitarizar um texto é desmembrá-lo, transformando-o em unidades elementares, correspondendo a elementos discriminantes de sentidos, significados importantes para a finalidade da pesquisa, denominadas de

unidades de sentido ou significados.” Assim, os dados gerados permitiram inicialmente identificar das pesquisas inventariadas: título; autor; objetivo do estudo; definição de ciência itinerante; práticas descritas; público-alvo; principais autores utilizados.

Partindo da ideia de que conhecemos os temas da análise, esses também compuseram as categorias *a priori* (Moraes; Galiazzi, 2011), pelas quais separamos as unidades de sentido geradas nas leituras dos trabalhos. Para essa categorização, denominamos: (i) autores, temas de investigação e públicos-alvo; (ii) concepções de ciência itinerante; (iii) objetivos dos estudos e (iv) práticas educativas adotadas.

Com as análises das categorias sistematizamos argumentos aglutinadores, de maneira que a sua construção “[...] não representa apenas uma das contribuições mais significativas e originais do pesquisador, como também criará as condições para a estruturação de um metatexto coerente e consistente” (Moraes; Galiazzi, 2011, p.33).

Na formulação desses argumentos aglutinadores emergem novos conhecimentos, gerados e compreendidos também por meio das etapas anteriores, que ao final do ciclo analítico, permitiu-nos sistematizar o metatexto, que conforme Moraes e Galiazzi (2011) consiste na inovação e contribuição original da pesquisa em resposta à pergunta de investigação, que será apresentado nas Considerações Finais.

A partir dos procedimentos metodológicos apresentados, passamos agora à análise dos resultados da revisão sistemática. Nesta seção, discutiremos os principais achados em diálogo com referenciais teóricos das pesquisas mapeadas, de modo a interpretar concepções, práticas e dimensões conceituais da ciência itinerante a fim de compreender suas especificidades enquanto campo da divulgação científica.

Resultados e Discussões: Caracterização da Ciência Itinerante

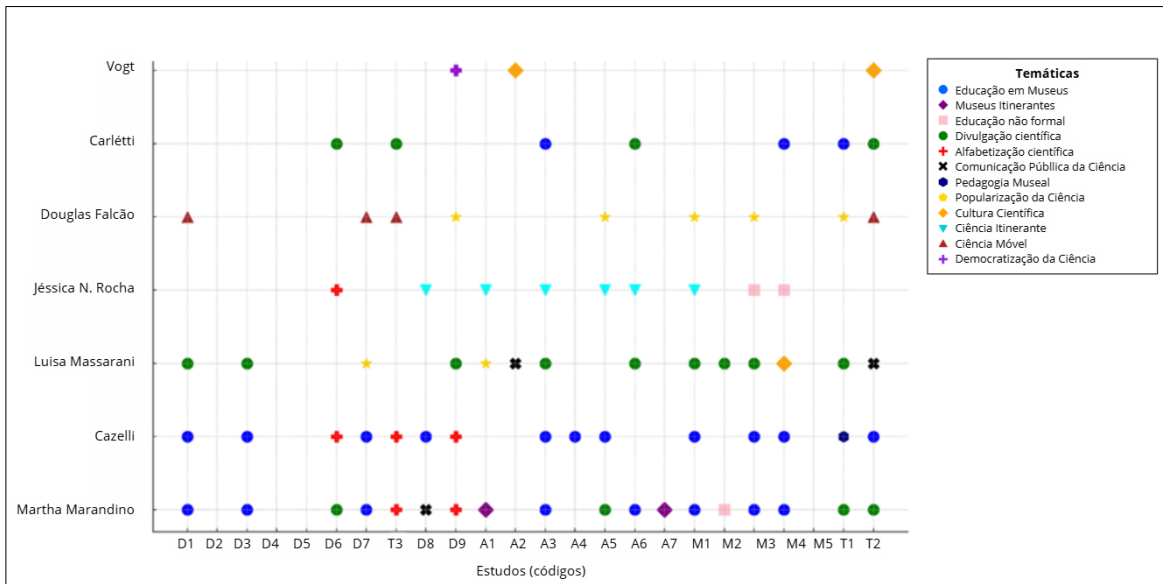
A análise textual discursiva foi orientada por quatro categorias *a priori*, que também estruturaram a composição de argumentos aglutinadores sobre a caracterização da ciência itinerante:

Autores, Temas de Investigação e Públicos-Alvo

A partir da análise dos 25 estudos que compõem esta revisão, buscamos identificar recorrências entre autores, temáticas e públicos envolvidos no contexto da ciência itinerante. Para fundamentar essa análise, mobilizamos referenciais da divulgação científica como práxis educativa (Lima; Giordan, 2021) e da cultura científica (Vogt; Cerqueira; Kanashiro, 2008), que orientam a compreensão da itinerância como prática formativa e dialógica.

Inicialmente, identificamos das pesquisas mapeadas os referenciais teóricos mobilizados pelos pesquisadores do campo. Adotamos como critério de corte aqueles autores mencionados em três ou mais estudos. Esse procedimento metodológico nos permitiu delimitar um núcleo de referências citadas, apresentado na Figura 1.

Figura 1. Representação gráfica dos autores mais citados, estudos e temáticas



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da RSL (2025).

A figura 1 foi elaborada a partir da sistematização dos estudos em que cada autor foi mobilizado como referência conceitual. Dispusemos os autores no eixo vertical e os códigos dos estudos no eixo horizontal. Cada ponto foi marcado por símbolos e cores distintos, correspondendo às temáticas centrais que emergem de suas contribuições. Essa escolha buscou representar visualmente não apenas a frequência de citação, mas também a diversidade temática que compõe o campo.

Ao observarmos a matriz, percebemos a formação de um conjunto de autores cuja produção se tornou estruturante para compreender a ciência itinerante no Brasil. Destacam-se diferentes ênfases: uns vinculados a práticas em museus e processos de divulgação científica; outros relacionados a projetos institucionais e à comunicação pública da ciência. Essa configuração indica tanto a consolidação de um repertório nacional quanto a necessidade de ampliar diálogos com perspectivas internacionais e interdisciplinares.

Martha Marandino destaca-se como a autora mais citada, aparecendo em 18 dos 25 estudos (72%). Sua produção é mobilizada em debates que transitam entre educação em museus (sua principal linha de investigação), divulgação científica, alfabetização científica e museus itinerantes. Isso a consolida como referência fundamental para a compreensão da mediação e da prática educativa na itinerância.

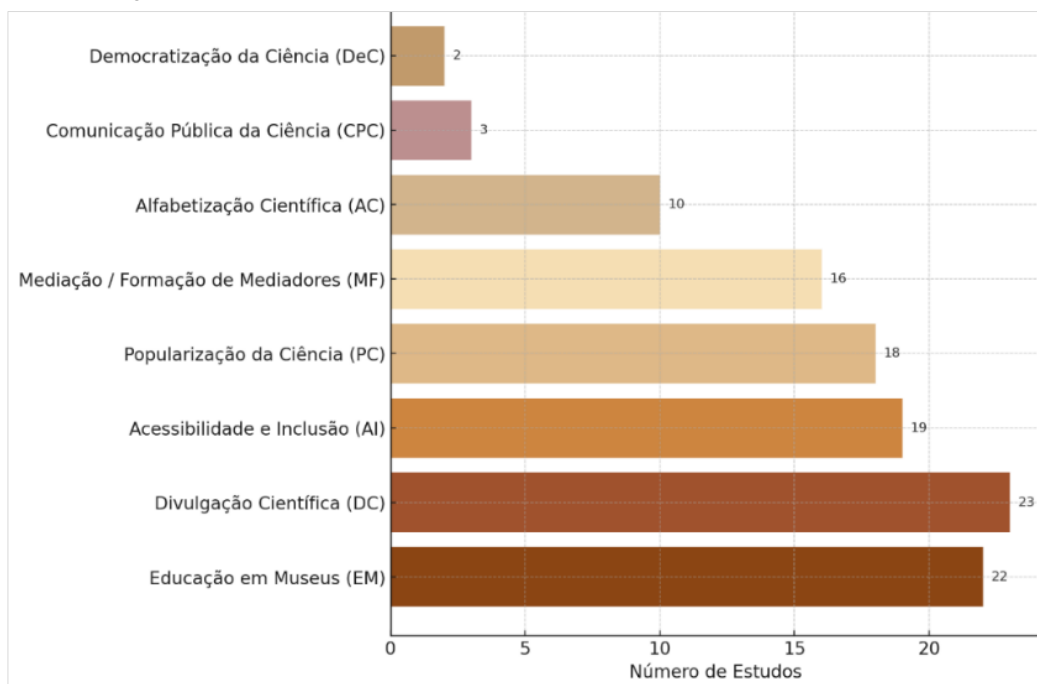
Em um segundo patamar de recorrência, identificamos a influência de Sibeles Cazelli e Luisa Massarani. Seus trabalhos são frequentemente articulados para sustentar dois eixos complementares: Cazelli, com foco na pedagogia museal e na alfabetização científica; e Massarani, nas interfaces entre divulgação, popularização e comunicação pública da ciência. Essa dupla referência ilustra como a ciência itinerante se ancora tanto em fundamentos da educação não formal e museal quanto em estratégias mais amplas de circulação social do conhecimento. Tais processos de circulação são centrais para a constituição da cultura científica (Vogt; Cerqueira; Kanashiro, 2008).

Outros autores compõem esse núcleo, cada um aportando perspectivas específicas. Jéssica Norberto Rocha destaca-se por suas contribuições à sistematização conceitual da ciência itinerante e à análise de seus desafios práticos, especialmente em contextos de educação não formal. Douglas Falcão figura como referência institucional vinculada à Fiocruz, associando a itinerância a políticas públicas de divulgação. As contribuições de Chrystian Carlétti, voltadas à análise de públicos e da divulgação em museus, e de Carlos Vogt, com seus fundamentos sobre cultura científica, ampliam as possibilidades de interpretação. Eles incorporam dimensões críticas sobre a percepção pública e o papel social da ciência.

Essa configuração permite olhar para a ciência itinerante como um campo em consolidação. Observa-se a organização de um repertório de pesquisas em torno de referenciais recorrentes. A concentração em um grupo específico de autores contribui para a coesão teórica do debate. Ao mesmo tempo, aponta para um desafio a ser enfrentado: a ampliação e diversificação dos quadros de referência. É preciso abarcar a pluralidade de contextos, práticas e públicos que caracterizam a itinerância científica no país.

Para identificar os principais núcleos de investigação que orientam a produção acadêmica sobre CI, extraímos dados dos objetivos gerais das pesquisas analisadas e agrupamos os tópicos recorrentes em seis núcleos de discussão, como mostra a Figura 2.

Figura 2. Recorrências temáticas diretamente relacionadas à ciência itinerante



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

A análise das recorrências evidencia que a divulgação científica (DC) constitui o núcleo mais presente, figurando em 92% dos estudos (23/25). Esse dado conduz à compreensão da ciência itinerante como prática situada no âmbito da comunicação pública da ciência, orientada à circulação social do conhecimento e ao diálogo com públicos diversos (Lima; Giordan, 2021).

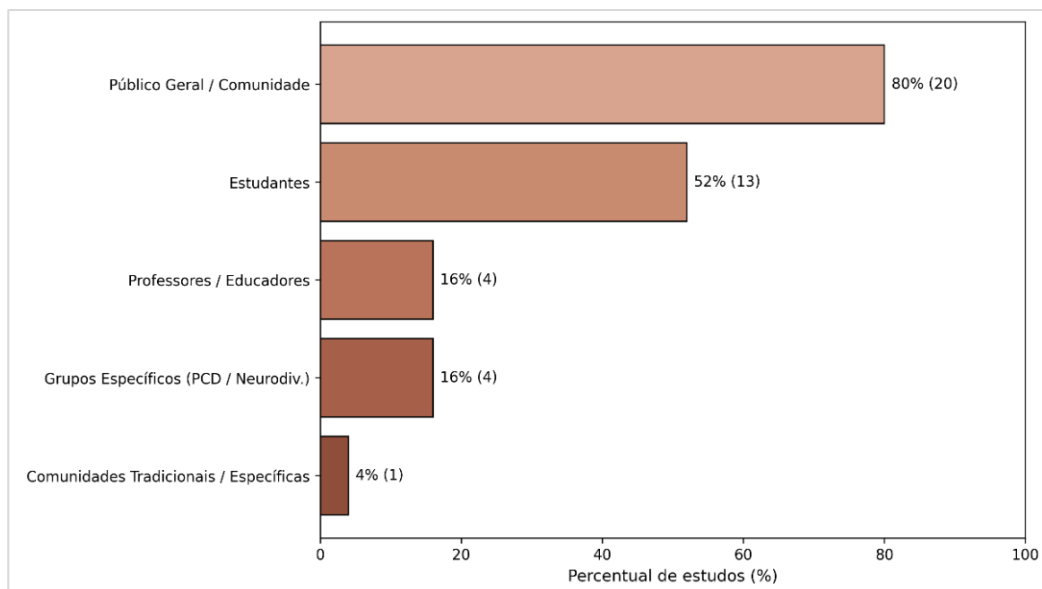
Na sequência, destacam-se a educação em museus (EM), presente em 88% dos estudos (22/25), e a acessibilidade e inclusão (AI), em 76% (19/25). A primeira vincula a itinerância à educação não formal e à mediação cultural. A segunda revela a preocupação com equidade e garantia de direitos. A popularização da ciência (PC) figura em 72% dos estudos (18/25), associada à ampliação do alcance territorial das ações.

A mediação e formação de mediadores (MF) aparece em 64% (16/25), reafirmando a centralidade do caráter dialógico na efetividade das práticas itinerantes. Com menor incidência, emergem a alfabetização científica (AC) em 40% (10/25), a comunicação pública da ciência (CPC) em 12% (3/25) e a democratização da ciência (DeC) em 8% (2/25).

De modo geral, apesar da diversidade de enfoques, a produção acadêmica sobre ciência itinerante se organiza em torno de núcleos recorrentes. Esses núcleos contribuem para sua caracterização como prática educativa e de divulgação científica.

No que se refere ao público-alvo das ações de ciência itinerante no Brasil, a análise dos 25 estudos evidencia uma intencionalidade de democratizar o acesso ao conhecimento científico, priorizando sujeitos historicamente afastados dos espaços formais de produção e circulação da ciência. A figura 3 sintetiza graficamente o público-alvo das pesquisas em ciência itinerante.

Figura 2. Público-alvo das pesquisas em ciência itinerante



Nota explicativa: Considerando que um mesmo estudo pode relatar o atendimento a mais de uma categoria, o somatório dos percentuais ultrapassa 100%, o que expressa a diversidade de públicos contemplados.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Os dados indicam que o público geral ou comunitário constitui o grupo mais frequente, presente em 80% dos estudos (20/25). Os estudantes da educação básica aparecem em 52% das pesquisas (13/25). Essa distribuição permite compreender que as ações de ciência itinerante se orientam a públicos amplos e diversificados, articulando a divulgação científica a distintos contextos socioculturais, para além do espaço escolar formal (Lima; Giordan, 2021).

Essa recorrência pode ser observada em iniciativas como o *Programa Ciência Itinerante* do IF Baiano, que mobiliza oficinas e atividades experimentais em escolas do interior da Bahia (Silva, 2015). Outro exemplo é o *Ciências Sob Tendas*, que circula com exposições interativas de baixo custo em municípios do Rio de Janeiro (Alves, 2020). Em ambos os casos, a itinerância amplia experiências de aprendizagem científica em contextos que articulam dimensões formais e não formais da educação.

Os professores e educadores também aparecem como público estratégico, mencionados em 16% dos estudos (4/25). Eles não são apenas participantes, mas sujeitos implicados em processos formativos. O *SESI Ciências Itinerante*, por exemplo, estruturou oficinas e práticas de cultura *maker* em um caminhão adaptado, envolvendo educadores em formação continuada (Ronchi, 2018). O projeto *Geringonça na Escola* articulou ciência, arte e filosofia em práticas itinerantes voltadas à escola e à comunidade (Gai et al., 2018). Esses exemplos permitem interpretar a itinerância como dispositivo que favorece redes formativas entre universidades, escolas e territórios.

Paralelamente, a itinerância se configura como prática de equidade no atendimento a grupos específicos, como pessoas com deficiência e neurodivergências, também presentes em 16% dos estudos (4/25). O *Ciência Sob Tendas* adaptou atividades em Libras para estudantes surdos (Ferreira, 2023).

Outras ações incorporaram estratégias para pessoas com Transtorno do Espectro Autista, como salas silenciosas e narrativas sociais (Santos, 2021). Tais iniciativas mostram que a itinerância, quando comprometida com acessibilidade, se transforma em espaço de cuidado e justiça social, alinhando-se à dimensão crítica e inclusiva da divulgação científica (Lima; Giordan, 2021).

Por outro lado, a presença de comunidades tradicionais ainda é incipiente. Comunidades quilombolas são mencionadas em apenas um estudo (4%). Povos indígenas não aparecem contemplados por nenhuma ação específica na amostra. Essa baixa representação indica uma lacuna e sugere a necessidade de ampliar o escopo das iniciativas, para que a ciência itinerante se afirme como prática educativa plural. Essa constatação dialoga com a Agenda 2030 da ONU (2015), mencionada por Corte et al. (2021), que enfatiza a garantia de acesso à educação para sujeitos em situação de vulnerabilidade.

Com base na análise dos dados realizada até este ponto da pesquisa, sistematizamos, em conformidade com o método de análise textual discursiva, três argumentos aglutinadores (Morales e Galiuzzi, 2011). Denominamos eles de *eixos estruturantes* que permitem interpretar direção e intencionalidade às ações de ciência itinerante. O primeiro é a *universalização*, que assegura o amplo atendimento de estudantes e comunidades em diferentes territórios, reafirmando o compromisso da itinerância em romper barreiras geográficas e sociais. O segundo é a *inclusão*, que não se limita a adaptações pontuais, mas se expressa como horizonte ético-político voltado à equidade, contemplando sujeitos historicamente marginalizados, como pessoas com deficiência e comunidades em situação de vulnerabilidade. O terceiro é a *formação de mediadores*, que mobiliza professores da educação básica e licenciandos em processos formativos, ampliando a capilaridade e a potência pedagógica das ações.

Esses eixos não atuam isoladamente. Ao contrário, eles se sobrepõem e se reforçam mutuamente, formando um campo dinâmico que combina universalização do acesso, práticas inclusivas e formação crítica de sujeitos-mediadores. Essa articulação ajuda a compreender a ciência itinerante como prática educativa de caráter transformador, ancorada em vínculos entre ciência, território e comunidade.

Compreensões sobre Ciência Itinerante

Ao reunirmos dados nessa categoria *a priori* a fim de analisarmos as concepções de CI presentes nos 25 estudos, observamos que essa prática de divulgação científica se encontra em fase de construção teórica, sem consensos sistematizados. Grande parte dos trabalhos não apresenta definições conceituais explícitas, mas caracteriza a itinerância a partir da descrição de projetos concretos, como o *Ciência Móvel* da Fiocruz (Pereira, 2019; Gonzalez; Bevilaqua; Soares, 2021), o *NOAP/UFBA* (Silva, 2018) e o *Ciências Sob Tendas* (Alves, 2020; Carvalho, 2023). Nesses casos, a ciência itinerante é compreendida como prática de museus ou centros de ciência que se deslocam em unidades móveis para levar exposições, oficinas e atividades educativas a diferentes localidades.

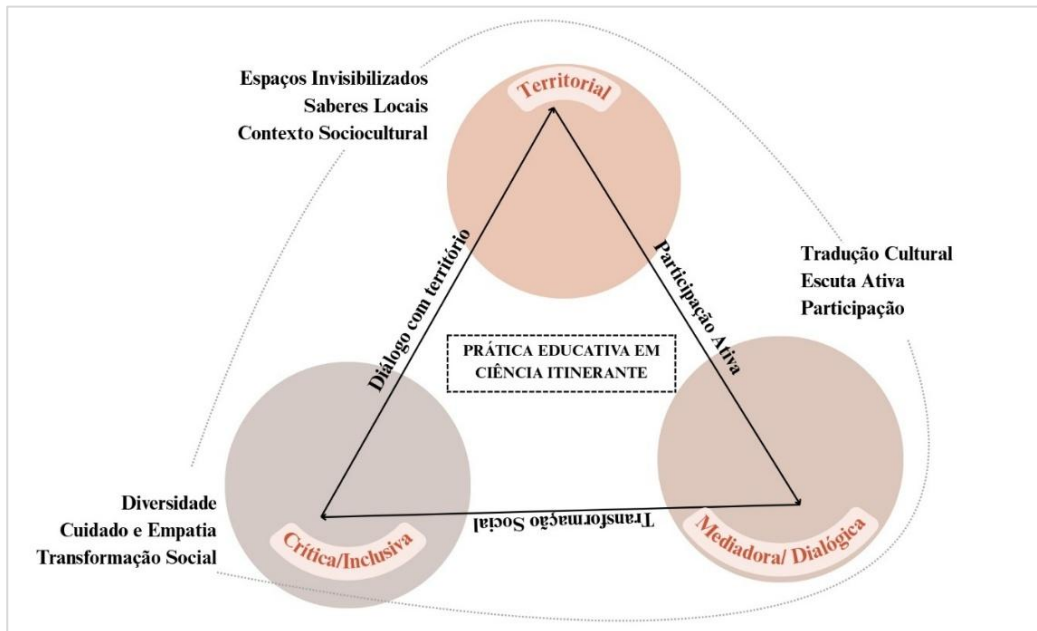
Essa predominância de caracterizações descritivas, em detrimento de formulações conceituais mais amplas, revela que o campo, embora estabilizado em termos de práticas, ainda é incipiente no plano teórico. Entretanto, mesmo sem uma definição única, identificamos regularidades que permitem compreender a itinerância como prática de divulgação científica em movimento, situada majoritariamente na educação não formal, orientada pela intencionalidade de democratizar o acesso ao conhecimento científico e de promover diálogos entre ciência e sociedade.

Alguns estudos associam a CI à extensão universitária, enfatizando seu papel de interiorização da ciência em territórios distantes dos centros urbanos (Enne, 2010; Corte et al., 2021). Outros a relacionam a estratégias de inclusão social e cultural, destacando o atendimento a comunidades vulnerabilizadas e a valorização de saberes locais (Soares, 2016; Menezes; Bevilacqua; Silva, 2021). Há ainda pesquisas que sublinham seu potencial formativo para mediadores e educadores, associando a itinerância à alfabetização científica e ao desenvolvimento de práticas educativas críticas (Ronchi, 2018; Rocha, 2018).

Essa variedade de enfoques, longe de indicar fragmentação, revela a riqueza do campo e sua constituição como espaço de intersecção. Identificamos três regularidades que atravessam os estudos: (i) a ciência itinerante é reconhecida como prática educativa intencional de divulgação científica; (ii) caracteriza-se pelo deslocamento planejado de ações que buscam ampliar o acesso ao conhecimento; e (iii) valoriza o diálogo com diferentes sujeitos, culturas e territórios.

Essas intersecções nos permitiram sistematizar três argumentos aglutinadores na análise, que denominamos **dimensões conceituais**, conectadas aos eixos estruturantes mencionados anteriormente, que organizam a prática educativa em ciência itinerante: (a) territorial, (b) mediadora e dialógica, (c) crítica e inclusiva. A Figura 4 sintetiza essas dimensões e suas inter-relações.

Figura 4. Dimensões estruturantes da prática educativa em Ciência Itinerante



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

A primeira dimensão é a **territorial**, que se manifesta na escolha deliberada de levar a ciência a espaços historicamente invisibilizados pelas políticas públicas. Ao assumir a territorialidade como referência, a prática educativa em CI ganha sentido quando se enraíza nas realidades locais, reconhecendo suas especificidades socioculturais e dialogando com os saberes que já circulam nos territórios (Silva, 2015; Simões, 2019). Trata-se de um movimento que não apenas transporta acervos e atividades, mas que assume o compromisso político e pedagógico de aproximar ciência e sociedade nos lugares que mais sofrem com a ausência de políticas estruturadas de cultura científica.

A segunda é a dimensão **mediadora e dialógica**, que revela a centralidade da mediação na construção compartilhada de significados. Essas práticas educativas dependem de mediadores capazes de adaptar a linguagem científica, promover interações sensíveis e estimular a participação ativa dos sujeitos. A mediação se configura como espaço pedagógico de escuta, acolhimento e tradução cultural, em que a circulação da ciência é constantemente ressignificada no encontro com diferentes públicos (Rocha; Marandino, 2020). Essa dimensão evidencia que a itinerância não se reduz ao aparato expositivo, mas encontra sua força na qualidade das interações humanas que sustenta.

A terceira dimensão é **crítica e inclusiva**, compreendendo a ciência itinerante como prática educativa comprometida com a diversidade e a transformação social. Diversos estudos apontam que a itinerância constitui oportunidades de educação científica que reconhecem e valorizam múltiplas formas de saber e de experiência, sejam elas epistêmicas, sensoriais ou sociais (Gai et al., 2018; Carvalho, 2023; Alves, 2020). Agindo a partir de uma perspectiva de cuidado, escuta e empatia, essas iniciativas reforçam que o acesso à ciência não deve ser pensado apenas como transmissão de informação, mas como experiência ética e política. Essa dimensão convoca a compreender a divulgação

científica itinerante como prática inclusiva, que tensiona desigualdades e projeta a ciência como bem comum.

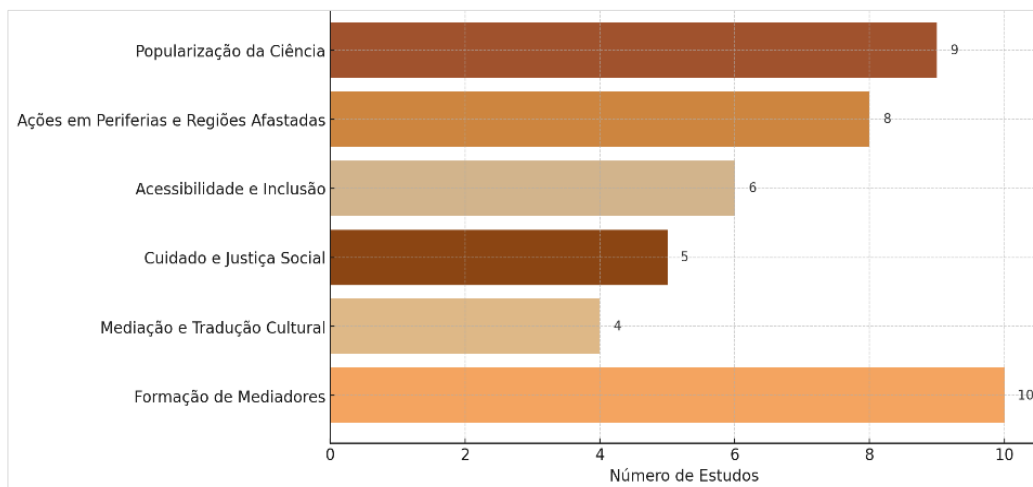
Em síntese, a dimensão territorial remete à valorização dos saberes locais e ao compromisso com espaços historicamente invisibilizados. A dimensão mediadora/dialógica enfatiza a mediação como prática educativa ética e sensível, pautada na escuta ativa e na recomposição cultural do conhecimento científico. Já a dimensão crítica/inclusiva projeta a itinerância como prática comprometida com equidade e transformação social.

Em nota, essas dimensões oferecem referenciais para pensarmos e realizarmos uma divulgação científica mais acessível, dialógica e transformadora. No entanto, é importante que avancemos na sistematização de saberes específicos para esse campo, construindo, em diálogo com as comunidades e com os mediadores, uma divulgação científica verdadeiramente comprometida com a equidade, a escuta e a presença.

Objetivos dos Estudos: Regularidades e Enfoques

Dando continuidade às análises das categorias, em relação aos objetivos dos estudos permitiu-nos identificar seis regularidades temáticas que sintetizam as principais preocupações das pesquisas sobre ciência itinerante no Brasil: popularização da ciência; ações em periferias e regiões afastadas; acessibilidade e inclusão; cuidado e justiça social; mediação e tradução cultural; e formação de mediadores. A distribuição dessas regularidades, em subcategorias, é apresentada na figura 5.

Figura 5. Subcategorias temáticas predominantes nos objetivos dos estudos analisados



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Essas subcategorias nos permitem observar como a itinerância tem sido compreendida e operacionalizada, refletindo a diversidade de perspectivas e a consolidação gradual do campo. A subcategoria *Formação de Mediadores* apresenta a maior recorrência, sendo identificada em 10 dos 25 estudos (40%). Esse dado permite interpretar que o papel do mediador ocupa lugar central na problematização das práticas de ciência itinerante. Os estudos abrangem desde a atuação de mediadores em contextos

itinerantes até questões de formação profissional, estratégias didáticas e adaptação pedagógica do conhecimento científico a públicos diversos (D1, D3, A3, D5, D7, D8, A7, T3, M3, M1).

Na sequência, a subcategoria *Popularização da Ciência*, presente em 9 estudos (36%), concentra objetivos voltados à divulgação científica e à aproximação entre ciência e sociedade. Esses estudos articulam popularização à percepção pública da ciência, à difusão do conhecimento em espaços não formais e à relação entre ciência, cultura e cidadania (A1, A2, A4, A5, A6, M4, D9, T2, C1).

A recorrência *Ações em Periferias e Regiões Afastadas*, identificada em 8 estudos (32%), evidencia a dimensão territorial das práticas analisadas. A ciência itinerante aparece associada ao deslocamento de ações científicas para municípios do interior, regiões periféricas e contextos socialmente vulnerabilizados (A4, A5, A6, C1, M5, D6, T2, D2).

A subcategoria *Acessibilidade e Inclusão*, presente em 6 estudos (24%), reúne pesquisas cujos objetivos abordam a promoção de acessibilidade comunicacional e a participação de públicos historicamente excluídos, como o uso de Libras e o atendimento a pessoas surdas e com TEA (M2, T1, M3, A5, C1, D2).

As subcategorias *Cuidado e Justiça Social* (5 estudos, 20%) e *Mediação e Significação Cultural* (4 estudos, 16%) complementam o quadro. A primeira expressa preocupações éticas e sociais relacionadas à cidadania e às desigualdades de acesso (A5, C1, A4, A6, D2). A segunda evidencia a mediação como processo de construção de sentidos entre saberes, linguagens e contextos culturais, com ênfase em práticas de reendereço e adaptação linguística (D1, A7, D7, M1).

Essa sistematização sinaliza os focos predominantes e entrelaçamentos conceituais vão caracterizando o campo. Ou seja, as regularidades temáticas apresentadas contribuem para sistematizar um quadro teórico capaz de orientar o desenvolvimento de práticas educativas em ciência itinerante, em diálogo com os eixos estruturantes e dimensões conceituais apresentados anteriormente.

Práticas em Ciência Itinerante

Para a geração dos dados referentes às práticas, foram considerados elementos que descrevem tanto as estruturas teórico-metodológicas quanto as ações concretas desenvolvidas nos projetos, compondo essa categoria *a priori* de análise.

As análises revelaram uma ampla diversidade de práticas e possibilitou observarmos as regularidades empíricas, reconhecendo que um mesmo projeto pode articular mais de uma prática. A quantificação refere-se à frequência de ocorrência de cada tipo de prática no conjunto dos estudos, razão pela qual a soma ultrapassa 100%. No Quadro 3 sistematizamos as práticas identificadas, em ordem decrescente de recorrência.

Quadro 3. Quantificação e categorização das ações de ciência itinerante identificadas

Tipo de Ação	Exemplos extraídos dos estudos
Exposições Interativas	Energia (bicicleta geradora, painéis solares, casa-maquete); Artrópodes (resina, discussões de saúde/biologia); Ciências Sob Tendas (quatro eixos temáticos)
Oficinas Temáticas	Física, Química, Biologia, experimentos maker, oficinas de artes e filosofia (ex.: Geringonça, Oficínaculas)
Atividades Lúdicas/Teatrais	Teatro (<i>O rapaz da rabeça</i>), esquetes circenses, jogos educativos, contação de histórias, espetáculos multimídia
Planetários Móveis	Sessões de planetário inflável (Fiocruz, Cecierj, UFMG, projetos de astronomia)
Projetos Escolares/Comunitários	<i>Geringonça</i> (UFRGS), <i>Museu vai à Praia</i> (MAST), <i>Ciência na Estrada</i> (Fiocruz/BA), projetos rurais
Mídias Digitais	Lives durante a pandemia, vídeos-guia em Libras, redes sociais
Kits Didáticos	Espécimes em resina, valises de ciência, jogos científicos portáteis

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025.

Como podemos notar, a categoria mais recorrente foi a de exposições interativas (15 estudos). Essa predominância confirma a interatividade como núcleo da mediação em contextos itinerantes, conectando-se à dimensão mediadora/dialógica. O caráter sensorial e exploratório dessas ações favorece a construção compartilhada de significados e aproxima o público dos conceitos científicos por meio da experimentação concreta.

As oficinas temáticas também ocupam posição de destaque (12 estudos). Elas abrangem desde conteúdos curriculares clássicos até práticas inovadoras, como oficinas de cultura *maker* (C1, D5, A6). Ao articular prática e reflexão crítica, essas oficinas se alinham tanto à dimensão mediadora/dialógica quanto à dimensão crítica/inclusiva.

Os planetários móveis (7 estudos) possuem forte impacto simbólico ao democratizar equipamentos sofisticados, articulando as dimensões territorial e mediadora/dialógica (D1, A3, A6, T2). Já as atividades lúdicas e teatrais (6 estudos) evidenciam a potência da integração entre ciência, arte e cultura, mobilizando linguagens diversas que dialogam com as sensibilidades dos públicos (A1, D3, D7).

Os projetos escolares e comunitários (5 estudos) enraízam-se nos territórios, promovendo participação social e valorização de saberes locais, o que os conecta às dimensões territorial e crítica/inclusiva. Iniciativas como o Projeto Geringonça (C1) e o Museu vai à Praia (D9) ilustram práticas que extrapolam eventos pontuais.

Os kits didáticos (4 estudos) e as mídias digitais (3 estudos) complementam o quadro. Os primeiros expandem a dimensão territorial por meio de recursos portáteis e de fácil replicação. As segundas, embora menos recorrentes, são mobilizadas especialmente em ações.

Para além dessas práticas, identificamos um achado transversal relevante: a Educação Ambiental (EA) emergiu como temática presente em 80% dos estudos (20/25). Conhecimentos sobre biodiversidade, sustentabilidade, conservação, água, energia e agroecologia aparecem de forma reiterada nas exposições, oficinas e projetos mapeados. Essa recorrência permite interpretar uma aproximação entre as práticas de ciência itinerante e questões socioambientais, ainda que, na maioria dos estudos, tais conhecimentos não sejam formulados como objetivos centrais das pesquisas.

Quadro 4. Associação entre Práticas de Ciência Itinerante e Temas de Educação Ambiental

ID do Estudo	Projeto / Instituição	Temas de Educação Ambiental Identificados
D1, A1, A3, A5, A7, D7, D8, T2	Fiocruz – Ciência Móvel e similares	Biodiversidade, vetores e saúde ambiental, agricultura sustentável, conservação de rios, energia, água.
D2	Cecierj – Praça da Ciência Itinerante	Água, solo, erosão, resíduos, dengue, sustentabilidade.
D3	UFBA / REDEZOO – NOAP	Conservação da fauna, equilíbrio ecológico, educação sanitária.
A2, M1	UFES – Mostra de Ciência; Exposição Energia	Fotossíntese, biodiversidade, problematização socioambiental, energias renováveis, consumo.
D4, D9	IF Baiano – Ciência Itinerante	Meio ambiente, agricultura, entomologia, Mata Atlântica, ecologia.
D5	SESI/FIESC – Ciências Itinerante	Consumo de energia, sustentabilidade.
C1	UFRGS – Geringonça	Agroecologia, cultivo, reaproveitamento.
M2, T1, D6, T3, M5	UFF – Ciências Sob Tendas	Microplásticos, reciclagem, materiais sustentáveis, biodiversidade, controle biológico, energia limpa.
A6	UFOB – Caminhão da Ciência	Solos, biodiversidade, conservação.
M3	UFF – Ciências Sob Tendas (TEA)	Biodiversidade marinha.
M4	UFF – Ciências Sob Tendas	Interdisciplinaridade socioambiental.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025).

Como podemos perceber, a pluralidade de práticas mapeadas demonstra a flexibilidade da ciência itinerante para dialogar com diferentes territórios e públicos. Assim, as regularidades identificadas nas práticas configuram temáticas emergentes no campo.

A Educação Ambiental, por sua vez, revelou uma aproximação recorrente entre a itinerância científica e questões socioambientais, apontando seu potencial para articular divulgação científica, formação crítica e problemáticas concretas dos territórios.

Considerações Finais

Com a revisão sistemática buscamos responder à questão: quais práticas educativas de ciência itinerante têm sido socializadas em pesquisas brasileiras e que dimensões conceituais podem ser apreendidas sobre suas especificidades na divulgação científica?

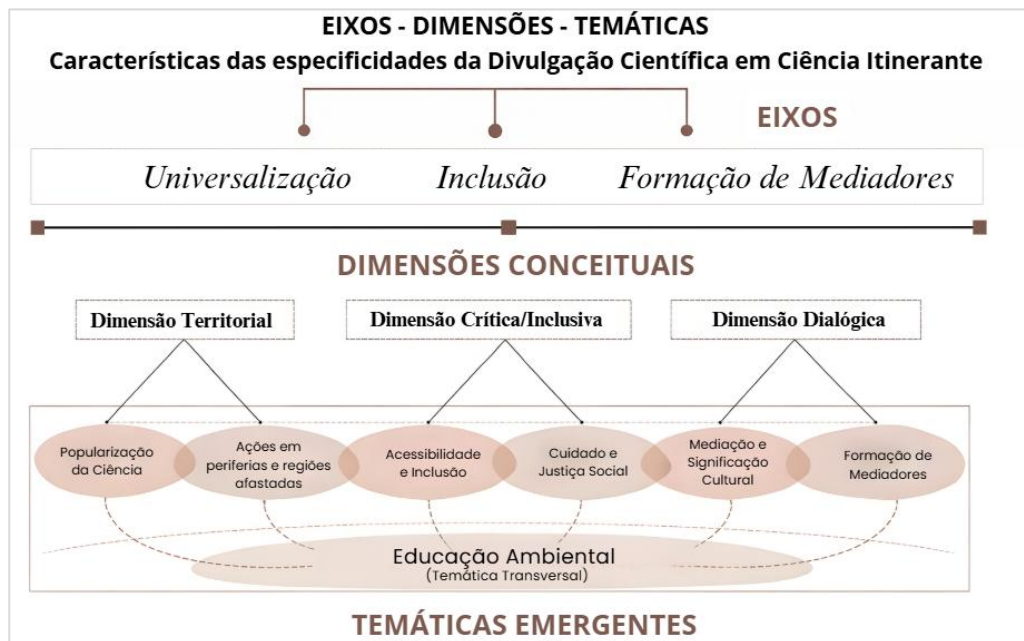
Com base na análise dos 25 estudos mapeados, caracterizamos a ciência itinerante como uma prática educativa de divulgação científica que articula três eixos estruturantes: universalização, inclusão e formação de mediadores. Esses eixos sustentam três dimensões conceituais inter-relacionadas: a territorial, que reconhece a relevância dos contextos locais; a mediadora/dialógica, que destaca a centralidade da escuta e da tradução cultural; e a crítica/inclusiva, que compreende a itinerância como prática de enfrentamento às desigualdades.

As práticas identificadas incluem exposições interativas, oficinas temáticas, planetários móveis, atividades lúdicas e teatrais, projetos comunitários, kits didáticos e

mídias digitais. O público geral ou comunitário é o mais frequente, seguido por estudantes da educação básica, com presença significativa de comunidades rurais, periféricas e quilombolas, embora a contemplação de povos indígenas ainda seja incipiente. Articuladas às dimensões, sistematizamos temáticas recorrentes como popularização da ciência, ações em periferias, acessibilidade e inclusão, cuidado e justiça social. A Educação Ambiental, presente de forma transversal em 80% dos estudos, revelou o potencial da ciência itinerante para articular divulgação científica e questões socioambientais.

Na Figura 7 sintetizamos essas articulações, integrando eixos, dimensões e temáticas observadas na literatura analisada, compondo um metatexto da revisão sistemática, em conformidade a análise textual discursiva.

Figura 7. Síntese das articulações desta pesquisa: eixos, dimensões e temáticas



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025) com a ferramenta de design online Canva.

Ao longo da revisão, a ciência itinerante revelou-se não apenas como recurso metodológico, mas como prática educativa em movimento, sustentada por uma intencionalidade formativa que combina divulgação científica com compromisso ético, respeito à diversidade e engajamento territorial. Inspirados pela noção de cuidado como princípio civilizatório (Toro, 2017), reconhecemos que a itinerância, ao chegar as escolas, comunidades periféricas, comunidades quilombolas, aldeias ou assentamentos, não transporta apenas conteúdos, mas afirma o direito coletivo ao conhecimento, à ciência, à cultura científica. Com isso, a itinerância da ciência colabora socialmente, pois como Vogt (2016, p.1) explica:

Porque a comunicação, assim como outras áreas da ciência, é um espectro que permite a consolidação do conhecimento científico como fenômeno social. Para que isso aconteça, é fundamental que haja compartilhamento, que haja formas de contato permitindo esse conhecimento produzido em condições específicas saiam do ambiente restrito de sua produção e comece a circular na forma de uma comunicação, que tende a ampliar o universo do auditório no qual ele circula.

Assim, mais do que propor dimensões conceituais definitivas, reconhecemos com a revisão sistemática, um campo de divulgação científica em construção. Esses sentidos constituem a base para a formulação de referentes próprios, que afirmam suas especificidades e contribuições ao desenvolvimento da cultura científica. Por ora, reafirmamos a ciência itinerante como um campo necessário para pensar práticas educativas de divulgação científica comprometidas com o diálogo, a escuta e o cuidado em territórios.

Agradecimentos

Agradecemos à FAPESC – bolsa de pesquisa doutorado e ao CNPq -bolsa de pesquisa produtividade no apoio às condições que possibilitaram a realização dessa pesquisa.

Referências

- ALVES, G. H. V. S. **Ciências sob tendas transformando a extensão em pesquisa: análise sobre a exposição, o mediador e o público**. 2020. 273 f. Tese (Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde) – Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://arca.fiocruz.br/items/607c9e59-201f-42ca-b99e-da53536ac4db>. Acesso em: 4 out. 2025.
- BARROS, L. G.; MELO, M. S.; ROSA, S. E.; SOUZA, C. C. Caminhão da Ciência: caracterização, percursos e contribuições para a educação científica no Oeste Baiano. **Revista de Ensino de Ciências**, Salvador, v. 10, n. 2, p. 78-95, 2021.
- BRASIL. **Decreto nº 4.724/2003**: Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções Gratificadas do Ministério da Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Presidência da República – Casa Civil, 2023.
- CARVALHO, I. H. **A percepção da química no acervo do centro de ciências itinerante, ciências sob tendas como estratégia para a educação de surdos**. 2023. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Química) – Instituto de Química, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.
- CORTE, V. B.; MOURA, P. R. G.; RIBEIRO, M. A.; CAMILETTI, G. G.; ZAMPROGNO, B.; CASTRO, F. C.; GONÇALVES JÚNIOR, E. Mostra de ciências itinerante: extensão universitária para inclusão científica e cultural no Espírito Santo. **Extensão em Revista**, Vitória, v. 5, n. 2, p. 89-104, 2021.
- ENNE, O. **Praça da Ciência Itinerante: avaliando 12 anos de experiência**. 2010. 120 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2010.
- FERREIRA, A. T. S. **Ciências Sob Tendas acessível para surdos**. 2023. 100 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências) – Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, 2023.

GAI, D. N.; MIRANDA, A. B.; KROTH, V. J.; CAMILOTTI, A. G. Projeto de pesquisa cartográfica, Geringonça na Escola (das ilhas ao campo), na ciência itinerante, criançeira e inclusiva. *In: Trabalho, formação de trabalhadoras e lutas sociais no campo da garantia de direitos à criança e ao adolescente*. Porto Alegre: UFRGS, 2018. p. 83-93.

GONZALEZ, A. C. S.; BEVILAQUA, D. V.; SOARES, M. Divulgar ciência é uma arte! O que dizem os artistas que atuam em um museu de ciências itinerante? **Revista Brasileira de Divulgação Científica**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 45-67, 2021.

LIMA, G. da S.; GIORDAN, M. Da reformulação discursiva a uma práxis da cultura científica: reflexões sobre a divulgação científica. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**, v. 28, n. 2, p. 501-520, 2021.

MENEZES, D.; FALCÃO, D. **Mediação em ciência itinerante: desafios e perspectivas**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

NASCIMENTO, A. A. **Análise do perfil dos "mediadores por um dia" do Ciências Sob Tendas**. 2024. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Museologia) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2024.

PEREIRA, W. A. **A mediação de conteúdos audiovisuais em um museu de ciências itinerante**. 2019. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Saúde) – Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://sucupiralegado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7673533. Acesso em: 4 out. 2025.

PEREIRA, W. A.; REZENDE FILHO, L. A. C. O audiovisual e a divulgação científica: análises do reendereço em um espaço de educação não-formal. **Revista Valore**, Volta Redonda, v. 6, n. 1, p. 1-20, 2021.

QUINTANILHA, L. F. **Interatividade em museus de ciência**. São Paulo: Edições SESC, 2016.

RAMOS, A.; FARIA, P. M.; FARIA, Á. Revisão sistemática de literatura: contributo para a inovação na investigação em ciências da educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 17-36, abr. 2014.

ROCHA, J. N. **Museus e centros de ciências itinerantes: análise das exposições na perspectiva da alfabetização científica**. 2018. 250 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ROCHA, J. N.; MARANDINO, M. O papel e os desafios dos mediadores em quatro experiências de museus e centros de ciências itinerantes brasileiros. **Ensino de Ciências**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 112-130, 2020.

RONCHI, R. R. **Desenvolvimento profissional docente na educação não formal:** formando (-se) educador no Programa SESI Ciências Itinerante. 2018. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2018.

SANTOS, E. do N. **A percepção de mediadores acerca do atendimento a pessoas com TEA numa exposição científica itinerante.** 2021. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Instituto de Biologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

SCHWENCK, B. **Ciência Móvel:** a mediação informacional nas exposições de um museu itinerante. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, J. R. L. **Educação museal:** investigando a mediação em um museu de ciências itinerante. 2018. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SILVA, M. C. **Atitudes para a ciência e percepção dos alunos integrantes do Programa Ciência Itinerante do IF Baiano.** 2015. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica) – Instituto Federal Baiano, Salvador, 2015.

SIMÕES, A. L. **Formação de mediadores para atuação em museus itinerantes de ciências:** uma investigação centrada na adequação das formações à diversidade de público visitante. 2019. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Minho, Braga, 2019.

SOARES, M. B.; MACIEL, F. (org.). **Alfabetização.** Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2000. (Série Estado do Conhecimento).

SOARES, O. J. "Ir onde o público está": contextos e experiências de museus itinerantes. **Revista de Museologia**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 34-50, 2016.

SOUZA JÚNIOR, J. J. **A percepção e aprendizagem em exposições de ciências:** um olhar para visitantes do Programa Ciência Itinerante. 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

TORO, B. **O cuidado:** o paradigma ético da nova civilização. Aula inaugural dos cursos de Licenciatura da Faculdade Sesi de Educação, 2017.

VOGT, C. Entrevista: Carlos Vogt e a espiral da cultura científica. **Revista Galoá**, n. 18, out. 2016.

VOGT, C.; CERQUEIRA, N.; KANASHIRO, M. Divulgação e cultura científica. **ComCiência**, Campinas, n. 100, 2008.

Recebido em: 03 set. 2025

Aceito em: 25 mar. 2026